

Estrangeiros dão aulas culturais em escolas públicas no Brasil

28 de dezembro de 2011 • 08h55 • atualizado às 10h39



A italiana Francesca D'Addante é uma das universitárias que já lecionou em escolas públicas brasileiras
Foto: Aiesec/Divulgação

Uma vez por semana os alunos da Escola Estadual de Ensino Básico Presidente Roosevelt (EEEB), de Porto Alegre (RS), saem um pouco dos conteúdos escolares para conhecer outras culturas. A aula já começa com clima diferenciado pela presença da nova professora. Arranhando um português e roubando algumas palavras do vocabulário espanhol para conseguir se comunicar com os alunos, a italiana Francesca D'Addante fala sobre sustentabilidade, intercâmbio, tolerância cultural e sobre a sua vida em Milão.

Ao proporcionar aos alunos uma experiência internacional sem que eles precisem sair da sala de aula, é criado um ambiente de aprendizado global, trazendo uma reflexão sobre o futuro e o papel de cada um na sociedade. "O objetivo é abordar aspectos de multiculturalismo e aprendizado de assuntos globais, ampliando a visão de mundo dos estudantes de escolas públicas e contribuindo para uma sociedade culturalmente mais sensível e tolerante", explica a coordenadora do projeto EduAction, Emilie Morais.

Com início no ano de 2009, o programa começou em Porto Alegre com uma parceria entre a organização Aiesec e a empresa Gerdau. Anualmente, o EduAction recebe intercambistas de diversas partes do mundo que vem ao Brasil para dar aulas a crianças e adolescentes em escolas públicas. Emilie conta que o projeto é uma troca: estrangeiros se voluntariam para contribuir na educação do País, e as escolas brasileiras dão uma oportunidade para os estrangeiros, que na maioria das vezes são professores ou universitários que buscam ampliar seus currículos na área e conhecer de perto o sistema educacional de outros países.

É o caso de Francesca D'Addante, que desembarcou de Milão, Itália, para passar três meses em território porto-alegrense. Seu objetivo era ganhar experiência como professora e ampliar seu conhecimento sobre a educação em outras partes do mundo. Em parceria com o venezuelano Daniel Gomez, Francesca deu aula em quatro escolas públicas gaúchas. "Durante os três meses do projeto, eu tive a oportunidade de melhorar minhas capacidades e ter uma experiência de trabalho social muito proveitosa, além de ser uma chance de autoconhecimento, trabalhando com os alunos em sala de aula", conta a universitária da Università degli Studi di Milano.

Coordenadora do projeto, Emilie explica que o EduAction tem autorização das secretarias de educação municipais para atuar nas escolas públicas. Apesar disso, as aulas são livres e a secretaria não faz nenhum tipo de exigência. "O conteúdo é decidido pela coordenação do projeto juntamente às direções escolares", afirma, destacando que a Aiesec prepara os intercambistas antes das aulas começarem. "Nós ensinamos o conteúdo que deve ser passado e alguns processos pedagógicos. Da mesma forma, se algum participante ainda está com dificuldades no português nós também oferecemos aulas gratuitas", fala Emilie.

A coordenadora explica que o único pré-requisito dos voluntários é ser graduado ou estar em fase de graduação, na área educacional, e ter conhecimento básico em português. "Não precisa ter português fluente. Inclusive, isso é uma das coisas legais das aulas. Os alunos ajudando o professor a falar ou escrever a língua portuguesa. É uma troca cultural", diz.

Oportunidade que ultrapassa fronteiras

Atualmente, o EduAction acontece nas cidades de Porto Alegre (RS), São Paulo (SP), Sorocaba (SP), Fortaleza (CE), Maringá (PR) e Belo Horizonte (MG). Na primeira edição, cinco intercambistas, vindos da Colômbia, Estônia, Índia, Romênia e Polônia, trabalharam em 23 turmas de três escolas públicas da capital gaúcha. No total, foram 400 alunos impactados. Porto Alegre já recebeu 14 estrangeiros pelo projeto. Para o ano que vem, 22 voluntários de diversos países vão dar aulas, durante os três primeiros meses de 2012, em 20 escolas públicas no sul do Brasil.

Um dos pontos altos das aulas, de acordo com a italiana Francesca, é o Global Villages, evento no qual o intercambista leva para os estudantes alguns aspectos de sua cultura local, como comida e objetos típicos. "Eles gostaram muito de interagir com estrangeiros e ficaram muito interessados em fazer intercâmbios e conhecer novas culturas", conta.

Para Francesca, o único momento complicado se deu no início do projeto. "O primeiro mês foi o mais difícil, pois tive que aprender a língua portuguesa, aprender a trabalhar com as escolas, conhecer a cidade e me adaptar a cultura do País. No segundo mês, quando começaram as aulas, o meu entusiasmo e a minha motivação para o projeto aumentaram, porque o trabalho nas aulas foi muito estimulante", conta, dizendo que já sente falta dos alunos. "Criamos um laço incrível", comenta.

<http://noticias.terra.com.br/educacao/noticias/0,,OI5527076-EI8266,00-Estrangeiros+dao+aulas+culturais+em+escolas+publicas+no+Brasil.html>